



# Urdimento


REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## Na rua, no hospital, por debaixo da máscara: palhaçaria como potência transformadora

Vitoria Carine da Silva

Para citar este artigo:

SILVA, Vitoria Carine da. Na rua, no hospital, por debaixo da máscara: palhaçaria como potência transformadora. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 46, abr. 2023.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101462023e0302>

Este artigo passou pelo Plagiarism Detection Software | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



## Na rua, no hospital, por debaixo da máscara: palhaçaria como potência transformadora<sup>1</sup>

Vitoria Carine da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo traz relatos de experiências vividas no hospital a partir do olhar de uma palhaça que inicia sua trajetória na rua, vai para a Universidade, passa pela docência e hoje pesquisa em um hospital. A partir dos relatos - chamados de relatórios *bobológicos* - fez-se uma reflexão sobre a potência transformadora da palhaçaria enquanto ferramenta de subversão, seja qual for o ambiente escolhido de atuação. O primeiro relatório *bobológico* é da primeira visita ao hospital, visita de “cara limpa” (sem estar de palhaça), e os dois últimos relatórios são após quase um ano de atuação.

**Palavras-chave:** Palhaçaria. Palhaçaria hospitalar. Teatro de rua. Palhaço de rua. Máscaras teatrais.

## Clowning in the street, at the hospital, and under the mask: the transformative power of clowning

### Abstract


This paper presents a clown woman's experience of life in the hospital as a result of her journey on the street, her time at the university, and today as a researcher and teacher in a hospital. Based on the reports - called bobological reports - a reflection was made on the transforming power of clowning as a tool of subversion, whatever the performance environment. The first bobological report is based on the first visit to the hospital, a “clean face” visit (without acting as a clown), and the last two reports are after almost a year of acting.

**Keywords:** Clowning. Hospital clowning. Street Theater. Street clown. Theatrical masks.

---

<sup>1</sup> Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Rodrigo Ribeiro Conceição, formado em Letras - Português/Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Mestranda pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-graduada em Coordenação Pedagógica pela FCE e Neuropsicopedagogia pela UniFCV. Graduada em Licenciatura em Arte-Teatro pela UNESP. Palhaça pela Formação para Jovens Palhaços dos Doutores da Alegria. Palhaça Hospitalar (Bobologista) pelo Instituto Socio Cultural de Barretos. ✉ [vitoriacarine@hotmail.com](mailto:vitoriacarine@hotmail.com)

📍 <http://lattes.cnpq.br/3439373580193875>  <https://orcid.org/0000-0002-7564-1596>



## En la calle, en el hospital, bajo la máscara: el clown como poder transformador

### Resumen

Este artículo presenta los relatos de las experiencias vividas en el hospital según la mirada de una mujer payasa que inició su trayectoria en la calle, después ingresó en la Universidad, se dedicó a la docencia y en la actualidad hace un labor de investigación artística en un hospital. A partir de los reportajes -llamados reportajes bobológicos- se hizo una reflexión sobre el poder transformador del clown como herramienta de subversión, independiente del ámbito de actuación elegido. El primer reportaje bobológico es la primera visita al hospital, una visita de “cara limpia” (sin ser payaso), y los dos últimos son de casi un año después de actuar.

**Palabras clave:** Payasadas. Payasadas de hospital. Teatro de calle. Payaso callejero. Máscaras teatrales.



## Introdução

Minha primeira escola de palhaçaria foi um espaço público. Foi na rua que aprendi a aquecer trabalhando, ensaiar apresentando e aprender fazendo. Vivia entre a rua e a sala de aula, entre a artista de rua-palhaça e a arte-educadora-palhaça, levando o que aprendia de um espaço para o outro: eu era uma gangorra.

Para entender esses espaços me recorro a uma entrevista da Grada Kilomba<sup>3</sup>, cedida ao jornal diário EL País em 2019, na qual a pesquisadora, ao explicar sua obra, aponta que o aprendizado tem se dado de forma muito patriarcal e fálica: a escola é dada por série (1º série, 2º, 3º...), depois você vai para a graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado... e o aprendizado vai "crescendo" sempre assim, fálico, para cima. Daí ela defende que o conhecimento é, na verdade, muito mais cíclico, circular, e vai se dando por diferentes atravessamentos em diálogo com diversos formatos<sup>4</sup>.

A partir desse pensamento, escrevo hoje para pensar a potência do crescer enquanto artista-educadora-pesquisadora como um movimento cíclico, e não fálico. O medo que sempre me atravessou em meus processos vinha justamente dessa lógica em que a queda – o erro – pode ser fatal: cair lá de cima parecia doer mais, além de ser preciso subir tudo de novo... Só que não tem queda numa mola, o que tem é movimento, sem contar que o erro é o maior material de trabalho na palhaçaria. Escrevo hoje na tentativa de trazer para o debate esse erro enquanto ciclo, movimento, processo, mola e, por que não, enquanto acerto.

Alguns anos e uma pandemia me separam um pouco da rua, mas foi na rua que me apaixonei pela estrada. No intervalo entre uma apresentação e outra, me imaginava no meu fusca pela estrada com um espetáculo no porta-malas. Pensava que era engraçado o porta-malas do fusca ser na frente e não atrás: artista no

---

<sup>3</sup> Escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa. Reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho acerca da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo.

<sup>4</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138\\_634355.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html). Acesso em: 14 jan. 2023



fusca é guiada pelo seu processo<sup>5</sup> artístico. Sentia que eu poderia viver assim: entrando nas ruazinhas que apareciam no meio do caminho só para experimentar o café coado de tudo quanto é mesa de toda gente possível, enquanto ouvia os causos que nos fazem conhecer o nosso país pelos detalhes.

O tão sonhado fusca até hoje não rolou, ainda que eu continue achando que combina muito comigo. A viagem segue sem estrada, ainda de nariz vermelho. É ele que tem entrado nas ruazinhas das intimidades alheias, nas ruelas minuciosas de um cotidiano hospitalar, e é aqui que talvez comece esse relato de fato: partindo da premissa de que ser palhaça é viver na estrada, ainda que a casa agora tenha chão.

### Interior de São Paulo, 14 de março de 2022

O trabalho começa na segunda-feira às 7h, quando chego de São Paulo de mala e cuia e sou recebida com café da manhã mineiro. Pouco depois do café e de descobrir que o tal sujeito com quem eu iria dividir a casa, e os palcos hospitalares, fala pelos cotovelos, fui conhecer os hospitais pelos quais planejava passar os próximos anos. Ainda não sabia que essa pequena tour poderia mudar toda a concepção que um dia eu tive sobre o que é saúde. Ali, acessando os corredores e uma rotina nosocomial, fui entendendo a saúde como algo integral, que começa na família, passa pela comunidade, acessa as escolas, espaços culturais, numa política de integralidade e equidade que conta com a prevenção, cuidados especiais e qualidade de vida, dentro e fora dos hospitais. Claro que estou falando do SUS.

Não que eu não soubesse que no hospital encontraríamos pessoas doentes, mas ver, ao vivo, de cara, com os olhos e o coração abertos naquela segunda-feira... não tive como não questionar como a palhaçaria poderia habitar aquele espaço. Quando voltei para casa, comecei a mapear o que poderia ser feito, o que da minha trajetória caberia ali, quais piadas eu tinha na mala e quais habilidades

---

<sup>5</sup> Aqui me refiro a processo artístico e não produto (espetáculo), partindo do princípio de que a arte da palhaçaria estará sempre em processo, pois se modifica a partir do seu público. Nesse sentido, defendo que na palhaçaria não produzimos espetáculos (produto), mas sim processos.



eu estaria segura o suficiente para bancar naquele ambiente: “acho que não tenho nada”. No dia seguinte, começariam as visitas dos palhaços nos hospitais, onde eu iria acompanhar cada dupla como “civil”, termo que usamos para quando não estamos de palhaças/palhaços. Agora, sim, aqui começa o que viria a ser o meu primeiro relatório bobológico<sup>6</sup>:

### Hospital Oncológico Infantil, 15 de março de 2022 A gente pode entrar?!

A dupla de palhaços já é conhecida e esperada em todos os espaços daquele pequeno hospital. Uma rotina que se inicia com “o que você está assistindo?” e que transporta toda uma ala hospitalar – que ainda não decorei o nome – para uma grande sessão de Vale a Pena Ver de Novo: será que é o X-Men que faz assim? (imitação do X-Men) ou será que é o Homem-Aranha que é desse jeito? (imitação do Homem-Aranha) Já sei! Só pode ser futebol! Já sei! Só pode ser TikTok<sup>7</sup>!

E, da curiosidade inicial pelo que se passava na tela do celular, todos da ala são envolvidos nos filmes, danças e opiniões sobre o mundo de hoje e o que se produzia antigamente. Por fim, já nem me lembrava mais o que a criança estava assistindo, porque, na verdade, nem importava mais.

Na UTI, o vidro que separa os palhaços de um pequeno paciente os obrigava a explorar mil e uma formas de dizer “a gente pode entrar?” sem precisar dizer “a gente pode entrar?”, em uma linguagem mediada pelo silêncio. Mesmo lá dentro, o silêncio e as outras mil e uma formas de se comunicar permaneciam – o jogo continuava. No vidro ao lado, ainda ali na UTI, outro pequeno paciente, só que sedado e entubado. Os palhaços entraram e prontamente lhe contaram: “Ei, fulano, nós estamos passando aqui para avisar que passamos aqui!”, partilharam fofocas e saíram tocando uma música para que a criança não tivesse nenhuma dúvida de que eles passaram ali mesmo. Assim, naquele dia, ele não ficou sozinho na UTI. A civil, que apenas observava, nesse momento se emocionou e lembrou

<sup>6</sup> Todo mês as e os palhaços produzem os relatórios bobológicos, trazendo suas reflexões sobre algum caso que aconteceu naquele mês.

<sup>7</sup> O *TikTok* é uma rede social de compartilhamento de vídeos curtos.



que naquele mesmo horário no dia anterior ela estava se perguntando como é que a palhaçaria estaria ali. Esse é o problema: ela pensava como civil.

## Hospital de Cuidados Paliativos, 16 de março de 2022 Será que no quarto em que se reza, o palhaço é sagrado?

O trabalho começa na escadaria. Ainda sem o nariz, o bom dia, as fofocas e os “que saudade” já instauram a recepção dos palhaços naquele espaço: se a linguagem acontece só depois que se coloca o nariz, estamos fazendo muito mal uso – com muito desperdício – das possibilidades que aquela máscara nos atribui em vida.

As entradas são sutis, as construções justas e as saídas são no ápice: numa boa tirada. Os palhaços se dispõem a ouvir e compreender as histórias dos pacientes, que se divertem com a subversão da própria história nas mãos dos palhaços. Como, por exemplo, João e a Maria, que estão lá no final do corredor e nos revelam que o início daquele romance era digno de filme da sessão da tarde. Aos palhaços, cabe a beleza que é poder recriar essa história de início onde diagnósticos apontam um fim.

Alguns quartos à frente do casal, outra cena em que a civil assume algumas perguntas: onde cabe a palhaçaria entre o choro da acompanhante e a partida do paciente? O que dizer – ou melhor, por que dizer? Ouvir onde cabe a nossa presença, e também a nossa ausência, talvez seja o desafio de existir mais bonito que alguém já me ofereceu nessa linguagem.

Por fim, o palhaço segue sendo o ritmo na sessão de fisioterapia: o movimento dos braços vira a *olaaaah* que todos do quarto fazem juntos, os movimentos dos dedos é o “chispa sai daqui” que dá abertura para descobrir de quem o paciente não gosta e tem o desejo de colocar a vassoura atrás da porta quando chega para que não volte mais. Ele não disse, mas os palhaços lançaram suspeitas que não foram comprovadas por ninguém: o importante é instaurar a intriga e deixar assunto no ar para que eles conversem depois que a consulta dos *bobologistas* acaba.



## Hospital Oncológico Adulto, 17 de março de 2022

A função social do palhaço é derrubar a autoridade do policial, submetendo-o ao papel ridículo de bater palma durante um “parabéns a você” de corredor

O título é quase a introdução de uma cena que eu, como civil, tentei processar em microssegundos. O policial dentro do hospital acompanhava um senhor de idade, bem debilitado, com os pés e mãos algemados. Na frente, um agente comunitário atento e armado, com a esperança de que alguém ainda lembre daquele senhor a ponto de algo acontecer, permitindo que eles vivam uma cena de filme de ação. O prisioneiro, por si só, já não levava a mesma esperança, pelo jeito lento que caminhava.

Naquela mesma manhã, outra autoridade se quebra: um médico que decide mostrar um samba no pé desengonçado que o Brasil nunca viu, mas que enche de alegria os olhos de quem passa. Assim, a relação do corredor constrói o dia a dia de quem habita ali e estabelece uma outra possibilidade de *desierarquia*. Como o radar das cadeiras de rodas controla o trânsito de corredor: algumas com habilitação vencida, outras perdendo pontos por excesso de velocidade, e os palhaços instaurando naquele corredor um outro tempo e espaço que tornam a passagem um acontecimento e, o corredor, um corredor.

Não sei o que me espera na semana que vem e nas outras que seguem: da dupla com quem posso inventar vidas, do hospital em que poderei receber o carinho da equipe, e muito menos o que encontrarei quando abrir a porta de um quarto. Mas levo a confiança de que as relações acontecem porque as pessoas desejam a vida: não essa que se apresentou num diagnóstico, mas uma outra tatuada nos olhos, na pele, nas histórias e no olhar desconfiado que ainda permite trocar, descobrir e cocriar.





## Fim do primeiro relatório bobológico. Início de outros.

Meses depois, já mais habituada à rotina de trabalho, chego na Santa Casa – hospital de atendimento geral – para mais um dia de atendimento *bobológico*. Lá no 4º andar fomos solicitados, pelo pediatra responsável do setor, que fizéssemos a liberação do *firoliro* com os residentes que o acompanhavam. Soltar o *firoliro* é uma técnica internacionalmente desconhecida que consiste em uma dancinha ridícula com passinhos mais ridículos ainda que permitem a liberação do *firoliro* – cada um tem o seu. O pediatra em questão conhece essa técnica, pois havíamos realizado o procedimento com ele semana passada, o que, segundo ele, fez com que seu dia fosse bem melhor.

Pois bem, *firoliros* liberados, seguimos para começar o atendimento nas internações, até que... O pediatra nos convoca novamente, dessa vez em desespero:

- *Doutores, doutores! Preciso de um atendimento bobológico aqui, é uma emergência! Precisamos dos bobologistas!*

Prontamente fomos atender à emergência. Quando entramos no quarto, o pediatra nos explicou: “o paciente está dizendo que ele aperta aqui e dói, quando aperta ali dói também, se aperta ali dói! Onde ele aperta dói! Acredito que seja um caso da especialidade de vocês!”

E ele não estava errado: além de liberação de *firoliro*, nós também cuidamos de casos de dedo duro! Mostrei para o paciente um procedimento eficaz contra dedo duro e fiz a minha recomendação *bobológica*: o que você acha de trocar de dedo? Eu mesma faço a cirurgia, pode confiar! O paciente, que tinha por volta de 12 anos, prontamente disse **NÃO** e nós tivemos que abrir dedo do caso, digo, abrir mão do caso para que o pediatra seguisse com outra investigação.

Apesar de ter ficado chateada com a expulsão do paciente, tenho plena convicção que ele estará nas mãos de profissionais competentes, atenciosos e,



principalmente, sem *firoliro*!

Meses depois desse incidente, dessa vez em outro hospital – o oncológico infantil – estávamos realizando nosso atendimento *bobológico* na QT, onde é realizada a quimioterapia e onde passamos todas as terças e quintas, faça chuva, faça sol, embora não me lembre se nesse dia chovia ou fazia sol. O que me *recuerdo* – desculpe, as lembranças já começam a vir em espanhol – é que *el niño*, que é *hijo* de quem nos ensinou a música da qual eu vou falar aqui, seguia dormindo debaixo das cobertas.

Apesar *del niño* estar sempre dormindo, sempre deixávamos um recado por meio de sua *mama*. Em um desses encontros, perguntei se ela também gostaria de dormir, e, assim que ela disse sim, nós percebemos um problema: não conhecíamos nenhuma música de ninar em espanhol! Correria, aflição, sofrimento e a solução: você pode nos ensinar? E com a voz de quem materializava uma memória de infância, cantou:

*Dorme-te nino, dormi-te mi sol*  
*Dorme-te pedaço de mi corazón*

Sáímos da QT felizes com uma nova música no repertório e nos sentindo honradas por receber esse presente que veio diretamente da sua memória, que, pasmem, também fazia parte da memória do seu vizinho, cuja avó é espanhola e cantava para ele dormir! Aiai, as coincidências...

Alguns dias depois desse encontro, ao retornarmos à QT para mais um dia normal, fomos alertadas na ilha de enfermagem: é a última QT do encasulado (vou chamá-lo assim), mas a avó dele faleceu hoje e a mãe dele está bem triste. Poxa, justo hoje! Última QT! E queríamos tanto contar que a música que ela nos ensinou fez sucesso! Que cantamos para o hospital inteiro! Como vamos chegar lá?

Entramos na QT com o *post-it* daquela informação no peito<sup>8</sup>, fazendo – sem querer – um jogo aberto em que quase todos participavam. Um olho no jogo, um olho nela. Ela estava de fato triste, parecia que chorava tímida, no canto. *El niño*

---

<sup>8</sup> Aprendi essa expressão com Marcelo Marcon, que aprendeu com a Thais Ferrara, ambos palhaços que atuaram no hospital. Para Thais, o palhaço deve ter informações coladas em *post-it* imaginários, mas não necessariamente precisa usá-las. Mas caso precise, está ali para lembrá-lo.



encasulado. De repente, num piscar de olhos, ela começa a se divertir com a nossa bobeira. É a nossa chance. O jogo continua, um olho no jogo, outro nela. Ela ri e nem percebe que está sendo observada. De repente a gente vê uma abertura, chega mais perto e nos pergunta: vocês cantaram a minha música por aí? Siiim! Cantamos muito, foi um sucesso! Mas vocês deram os créditos a mim, né? Claro!!!

Em meio a agradecimentos, contamos a ela como foi a nossa semana depois que nos ensinou a sua memória, mas alertamos: essa música é perigosíssima! Assim que a gente toca, as pessoas dormem instantaneamente! Então evitamos tocar ela assim... E foi só tocarmos para tentar lhe mostrar que, pasmem: ela dormiu! Tocamos para acordar e ela acordou! E assim seguiu uma confusão incontrolável em que ela dormia a cada nota e acordava a cada batida. Naquele dia talvez eu tenha aprendido alguma coisa que ainda não sei dar nome. No dia em que sua mãe – com quem provavelmente deve ter aprendido essa e outras músicas de ninar – havia dormido para uma eternidade, ela se permitiu brincar de dormir e acordar com a gente.

### Considerações finais

Trazer as experiências hospitalares para o debate da palhaçaria enquanto potência de transformação é uma tentativa de nos provocar, enquanto artistas da máscara, a acreditar na bobagem. Ao habitar um hospital, nós nos colocamos diante do risco da construção de uma experiência coletiva e transformadora, e esse risco não se instala pelo ambiente, mas sim pela máscara. Nenhum desses acontecimentos se deram sozinhos, porque “um palhaço não se faz sozinho. Ele é o resultado de muitos elementos” (Magalhães, 2007, p. 340). Para Magalhães, a linguagem da palhaçaria pode ser o que ele chama de “instrumento ontológico da humanidade” (Magalhães, 2007, p. 340), levando em consideração que é a partir do humor que a palhaçaria revela uma visão de mundo, permitindo “um riso transformador que nos revolucione em nossas visões e que possa fazer uma humanidade mais potente e tolerante, mais compreensiva e autônoma” (Magalhães, 2007, p. 340).

Depois de um ano dentro do hospital e relendo os relatórios *bobológicos*



produzidos ao longo deste ano, revivo o que os mestres sempre nos apontam sobre essa máscara: ela é sempre o presente. Sempre. Existe sempre algo naquele instante que pode ser tocado, transformado, sensibilizado, revelado. Ainda que no passado (mesmo que 10 segundos atrás) o presente estava coberto de angústia, dúvida, desprezo. O presente, esse que a palhaçaria traz, pode ser uma outra coisa. E acreditar na potência de que os momentos podem ser outra coisa é o que faz a palhaçaria ser transformadora.

É preciso, no entanto, tomar cuidado com os dias em que “deus me tira a poesia, olho pedra vejo pedra mesmo” (Prado, 2021, p. 146 [1991]) e perdemos a dimensão do presente. Enquanto palhaças e palhaços precisamos treinar nosso olhar para que a gente sempre encontre poesia no cotidiano e a pedra nunca seja só uma pedra.

Observar, por exemplo, uma folha pequenininha enroladinha se abrir um pouquinho a cada dia até virar gigante. Observar o mundo com o nariz - a inocência - e permitir que o mundo nos ensine. As plantas, por exemplo, diferente da escola, me ensinaram que crescer leva tempo. Que o tempo tem o tempo que o tempo tem. Que crescer é para todos os lados, inclusive para dentro. Que na mesma raiz que nasce folha nova, também morre outra. E é assim que a gente cresce: deixando vir coisa nova que precisa vir e deixando cair o que não cabe mais. Para abrir a porta de um quarto ou pisar num palco, é preciso estar no presente.

Aprendi que o cérebro é um órgão com plasticidade, diferente do coração que é rígido. E entendi a convergência entre medicina e palhaçaria: ama com plasticidade quem ama usando a razão, não o coração. A rua e o hospital foram os espaços onde cresci e amei como palhaça, onde fui amada, onde fui coragem e potência. Onde fui mola. Para ser palhaça, é preciso plasticidade.

Aprendi que não tem como ensaiar o momento certo de entrar e sair de cena, mas tem como treinar nosso olhar a saber o momento certo para que o presente deixe rastros, fendas, rasgos, desejos, dúvidas, revolta. Meu desejo é que todos os espaços sejam ocupados pela subversão: que voltemos a ocupar a vida e fazer com que a cidade e os espaços públicos se tornem novamente um lugar perigoso do encontro, do debate, da diversidade e do amor. Fazer o medo mudar de lado



usando as nossas ferramentas. Lembrar que existe muita força no encontro, no olhar, no silêncio, na paixão, na dança, na bobagem.

Contraditoriamente, o poder de subverter é o que vai nos permitir, enquanto palhaças e palhaços, adentrar todos os espaços possíveis. Ruas, hospitais, presídios, escolas, casas... onde houver a necessidade do encontro, estaremos lá. Onde houver gente, estaremos lá. É assim que a gente faz política: independentemente se em espaço aberto ou fechado, a política se faz no encontro. A subversão é uma necessidade humana, a subjetividade é uma necessidade de sobrevivência. Para ser palhaça, é preciso subversão e subjetividade.

Aprendi que nem todo barulho é proposta, às vezes é só barulho: só uma tentativa desesperada de preencher o poderoso espaço do vazio – que é onde o encontro e a conexão acontecem. Em tempos barulhentos, lembrar sempre de Guimarães Rosa: “o que há de ser tem muita força” (Rosa, 2006, p. 318). O espaço vazio também constrói porque nunca é só o vazio: é sempre algo que pode ser, e isso tem muita força. A palhaçaria é uma linguagem onde moram todas as possibilidades.

Que acreditemos cada vez mais nessa força que nos permite seguir brincando no risco que é o espaço-tempo do “há de ser”, que é o que atribui ao presente suas infinitas possibilidades de criação do futuro. Se o presente tem muita força porque cria um futuro possível e a máscara da palhaçaria vive no presente, somos responsáveis, também, por incluir uma nova possibilidade de futuro a partir da bobagem. Ser mola talvez seja um pouco disso: acreditar na bobagem, permitir o espaço das possibilidades e seguir criando futuros.

## Referências

MAGALHÃES, Ésio. Uma perspectiva da palhaçaria contextualizada ao hospital: entrevista com Ésio Magalhães. Entrevista concedida a Daiani Cezimbra Severo Rossin Brum e Karenine de Oliveira Porpino. *Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.1, n.28, p. 333-341, julho 2017.



Na rua, no hospital, por debaixo da máscara: palhaçaria como potência transformadora  
Vitoria Carine da Silva

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida* - 7. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2021.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Recebido em: 29/01/2023

Aprovado em: 17/04/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT  
Centro de Arte – CEART  
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas  
[Urdimento.ceart@udesc.br](mailto:Urdimento.ceart@udesc.br)